

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal de Brasília*

Class.: 2041

Data: 06.12.90

Pg.: \_\_\_\_\_

# Funai teme novo conflito com Yanomami

O presidente da Fundação Nacional do Índio, Cantídio Guerreiro Guimarães, afirmou que a situação na área Yanomami de Surucucu é muito grave, pois os garimpeiros se articulam para retornar à área, tendo em vista a informação que circulou em Roraima de que a Operação Selva Livre/Yanomami terminaria no próximo dia 20.

Segundo Cantídio Guimarães, que se encontra em Roraima acompanhando o desenvolvimento da Operação Selva Livre/Yanomami, a Funai está solicitando ao Ministério da Economia recursos de ordem de Cr\$ 180 milhões para o prosseguimento da operação até março do próximo ano, quando será iniciado o projeto permanente de saúde Yanomami.

Durante sua estada em Roraima, o presidente da Funai pôde constatar que os garimpeiros já se arregimentam para a área indígena, enviando alimentos e combustível para o garimpo, utilizando para isto helicópteros, táxis aéreos e aviões particulares.

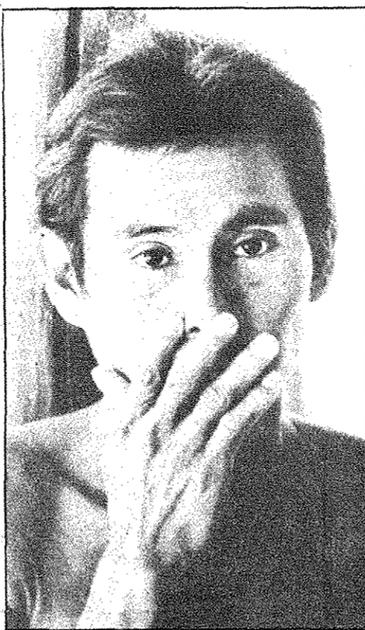
**Pistas**  
Na madrugada de domingo último, em operação realizada pela Polícia Federal, foram ocupadas diversas pistas de pouso clandestinas nos arredores de Boa Vista, capital do Estado, e com a ajuda da Aero-

náutica foram apreendidas 10 aeronaves carregadas de material destinado aos garimpos, prontos para viajar naquela madrugada. Os aviões foram removidos para Boa Vista, onde se encontram no pátio da base aérea, à disposição da Justiça.

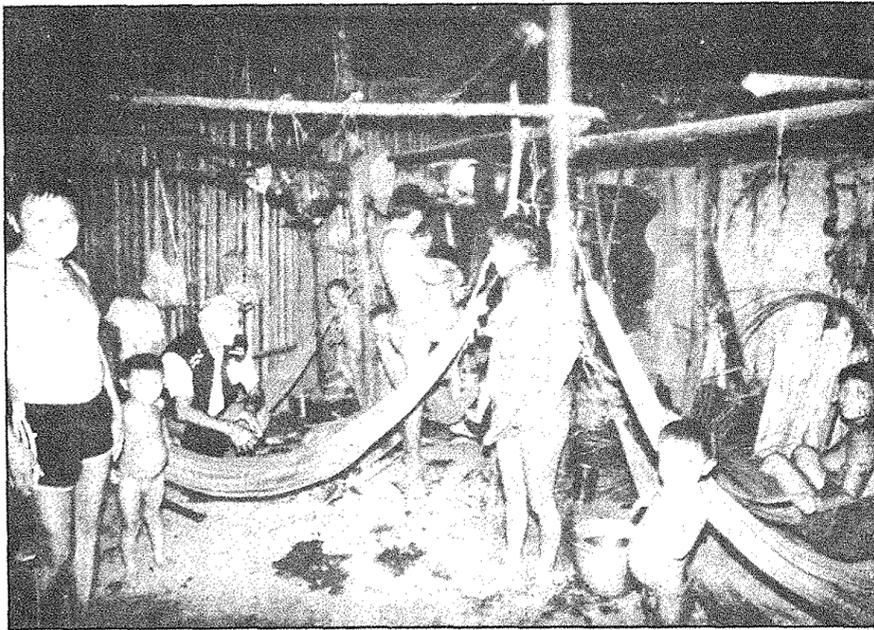
**Operação continua**

O presidente da Funai informou, ainda, que a Operação Selva Livre/Yanomami, ao contrário dos rumores que circulam em Roraima, não vai parar no próximo dia 20. Terça-feira mesmo ele se reuniu com os comandos da Base Aérea de Boa Vista e do Batalhão Especial de Fronteiras e também com a direção da Superintendência Regional da Polícia Federal em Boa Vista, para ultimar os preparativos visando ao prosseguimento da operação, até a destruição de todas as pistas de pouso clandestinas existentes na área indígena Yanomami.

Segundo Cantídio Guerreiro Guimarães, já haviam sido destruídas, até terça-feira, 42 pistas de pouso clandestinas, faltando, ainda, dinamitar outras 78 que se encontram em área indígena. Para isto, a Funai conta com a colaboração da Força Aérea Brasileira, do Exército e da Polícia Federal.



Peri, Yanomami aculturado e ex-guia de garimpeiro, está com o filho doente. No posto de enfermagem, atendimento é precário



## O desafio da malária e da subnutrição

A população total Yanomami, no Brasil e na Venezuela, está estimada em cerca de 20.000 índios. Na Serra das Surucucus, segmento da Serra Parimá no maciço das Guianas, fica a maior parte deles, dispersos em 192 malocas nos Estados de Roraima e do Amazonas. Só em Surucucus vivem 4 mil índios, ao total são 10 mil no lado brasileiro. Ali a Funai montou sua principal base para comandar a Operação Selva Livre.

Longe da civilização, e dispondo de apenas um rádioamador para a comunicação, 27 pessoas, entre antropólogos, médicos, indigenistas, farmacêuticos, laboratoristas, enfermeiros, arquitetos e até um engenheiro, vivem por conta dos índios. "As vezes, falta até alimento, pela dificuldade de transporte. Conta-se nos dedos aqueles que ainda não pegaram malária. É um desafio mesmo", afirma Aduato Silva, que há mais de três meses não vê a mulher e os filhos. Aduato, funcionário da Funai, mora em Manaus. No posto de Surucucus —

quase um acampamento — ele é o responsável pelo abastecimento e manutenção de equipamentos.

A partir de Surucucus, foi possível à equipe detectar 18 regiões epidemiológicas de malária, sendo que a área mais comprometida é a nascente do rio Macajai. Ali, os garimpeiros desviaram rios, fizeram grotas e quase secaram o rio. Um sobrelvo na região permite ver ainda algumas balsas de garimpeiros que insistem em permanecer no local.

Mas nem só de malária morrem os índios. Há casos de desnutrição, tuberculose, bronquite aguda, escabiose. A desnutrição acontece porque a presença do garimpo espanta a caça e os peixes com o barulho das dragas de sucção, e a poluição pelo mercúrio, que serve para lavar o minério. Além disso, a população indígena é ingenuamente atraída e corrompida com a oferta de bens e utilidades em troca de apoio e da proteção à garimpagem. Muitos índios já serviram de guia para os garimpeiros. É o caso de

Peri, criado por uma família de brancos, que no último fim de semana podia ser encontrado na Casa do Índio, em Boa Vista. Ele foi para lá em busca de tratamento para o filho de três anos que, segundo os médicos, tem leishmaniose.

**Presentes**

O uso das roupas trazidas pelos brancos também provoca doenças de pele nos Yanomamis. Mas não há um só deles que não aceite uma camisa em troca de ser fotografado, coisa que eles não gostam muito, mas aceitam se ganharem presentes. "Eles acreditam que a alma fica presa na foto", explica Liana, do Posto do Lauro, uma pista que não foi destruída para servir de posto à Funai.

O quadro geral da população Yanomami, principalmente a que ocupa a área de Surucucu, foi grandemente prejudicado pela convivência com os garimpeiros por tempo prolongado. A incidência de moléstias infecto-contagiosas acentuou-se, com destaque para a malária. Em novembro de 1989 foi

executado um programa emergencial de atendimento à saúde, constituindo-se equipes integradas por vários órgãos — Funai, 7º Comar, Sucam/RR e Sesau/RR, que atuaram especificamente nas áreas de influência dos postos indígenas Surucucu e Paa-Piú.

No primeiro, das 42 aldeias existentes, 20 foram atendidas, assistindo-se a 1.287 índios. Para apoio à alimentação, foram empregadas 4,7 toneladas de alimentos.

O Ministério da Saúde pretende implantar na região um plano permanente de atendimento à saúde da maioria yanomami. É o Projeto Saúde Yanomami, que pode erradicar a malária dentro de três anos, com medidas de curto, médio e longo prazos. O objetivo é manter o povo independente, como há milênios, quando se autosustentavam. Com a retirada da maioria dos garimpeiros já dá para perceber que em alguns pontos a mata volta a crescer e os rios, antes barrentos por causa das dragas, ficam mais limpos. (Cláudia Melo - ABR)

## Diminui nº de garimpeiros

O Governo Brasileiro retirou até agora 38 mil e 500 garimpeiros da região situada ao norte de Roraima onde habita o povo étnico mais antigo do Continente, os índios Yanomami. A Fundação Nacional do Índio (Funai) com o apoio da Polícia Federal e do Exército, conseguiu reduzir para 1.500 o número de garimpeiros que desde 1975 invadiu e começou a destruir a região dos índios em busca do ouro e da cassiterita.

O delegado federal Raimundo Cutrim, responsável pela operação de retirada dos garimpeiros, acredita que até meados do próximo ano o problema esteja definitivamente resolvido. A situação está ficando difícil para eles, já que não conseguem mais abastecer os garimpos com mantimentos, e muitas vezes são obrigados a fugir pela mata, o que significa uma viagem de 30 dias a pé até boa vista", afirma. O delegado, debilitado por conta de seis malárias que já pegou desde o início da operação em janeiro, conta agora com um efetivo

de 10 agentes federais que sobrevoam a região diariamente obrigando à retirada do garimpo.

**Enfermagem**

No Garimpo do Lauro, os garimpeiros deixaram um trator agrícola, um trator-esteira D-8, 50 máquinas de sucção para draga e, ainda, 20 toneladas de cassiterita. Ali, próximo à maloca dos índios (chaponá), a Funai montou um posto de enfermagem para tratar dos índios, infectados principalmente pela malária. Neste posto, a funcionária da Funai, Mara, que trabalha há 15 anos na área, e a médica Liana Monteiro de Castro, recém-chegada, fazem exames periódicos nos indígenas e enviam os casos mais graves para a Casa do Índio em Boa Vista.

Hoje, poucos índios Yanomami ocupam as enfermarias da Casa do Índio. Mas já houve momentos, como em novembro do ano passado, que a epidemia de malária atingiu seu ponto mais alto, matando a maioria dos 500 que foram internados. (C.M.)

## Raoni quer demarcação logo

Londrina — O cacique Raoni pediu ontem, em Londrina, que o Governo Federal apresse a demarcação das terras indígenas no País para que a Fundação Mata Virgem, que tem à frente o cantor Sting, libere US\$ 2 milhões para os índios brasileiros. "Fiz campanha em 15 países da Europa para arrecadar este dinheiro e agora dependemos do governo brasileiro", declarou Raoni.

Raoni, chefe dos caiapós, participa do encontro norte paranaense de indigenismo, meio ambiente e direito do índio, em Londrina e Maringá. "Sem demarcação das terras, os garimpeiros, os madeireiros e os pescadores continuarão depredando as terras dos índios e nós

não queremos o fim dos bichos e das florestas", disse Raoni.

O superintendente nacional da Funai, Edivio Batistelli, elogiou o apoio da Mata Virgem e de outras entidades com fins ecológicos, mas lembrou que a questão de demarcação das terras "é um problema interno do Brasil e depende efetivamente do Decreto presidencial". Ele disse ainda que o governo está repensando a política indigenista nacional porque a que vigora atualmente é de 1973. O antropólogo da Funai, Cláudio Romero, cobrou uma definição do Governo Federal para a questão indígena e disse que até agora foi feito muito pouco.

Carlos Menandro 07.05.89



Raoni depende de decisão federal para receber verba de Sting

## Cimi anuncia morte de índio

Ao mesmo tempo em que a Fundação Nacional do Índio (Funai) informava ontem que desde a última segunda-feira um grupo de trabalho da subcomissão de prevenção da discriminação e proteção de minoria, da Organização das Nações Unidas (ONU), está em visita ao Brasil, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) comunicou oficialmente o assassinato a bala, na madrugada do dia 28 de novembro último, no interior de Pernambuco, do índio trucka Antônio Gilvan da Cruz, de 22 anos, filho do líder Pedro Florencio Custódio.

De acordo com a Funai, a ONU está preocupada com a situação dos índios brasileiros, "face ao volume de notícias publicadas na imprensa internacional". Nos encontros de trabalho com as autoridades brasileiras o grupo de trabalho não foi informado do assassinato do índio. O Cimi foi comunicado da morte por um telefonema do índio trucka Damião Pereira da Silva.

Segundo o índio trucka Damião, o corpo de Antônio Gilvan foi localizado pela Polícia Civil no acostamento da estrada que liga os municípios de Cabrobó e Ibo, em Pernambuco.

Os índios trucka apontam o fazendeiro Apolinário de Siqueira, invasor da área indígena, como responsável pela morte. Segundo eles, o assassinato foi uma reação do fazendeiro à destruição, pelo fogo, de uma cancela da fazenda.

## Maxacalis vão receber ajuda

Belo Horizonte — As duas últimas comunidades de índios maxacalis que existem no Brasil e que estão passando por situações de fome e doença vão receber ajuda do Fundo Cristão para Crianças, uma entidade internacional que só no Brasil presta assistência a 75 mil crianças e adolescentes. Os próprios índios vão dizer o que precisam do Fundo. A partir dessas necessidades, serão destinados os recursos para as comunidades, segundo informou ontem o presidente do Conselho Consultivo da Entidade, arcebispo de Belo Horizonte, dom Serafim Fernandes de Araújo.

A promessa de ajuda foi feita pessoalmente pelo diretor mundial do Fundo, Paulo MacCleary, ao cacique Kele, da comunidade de Água Boa. Atualmente, existem apenas 160 famílias. Elas vivem numa reserva no norte de Minas, mas são importunadas constantemente pela invasão de fazendeiros em suas terras.

**Conama**

O Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) realiza hoje, a partir das 9h30, no Auditório Principal do Ibama, sua 26ª Reunião Ordinária, com uma extensa pauta. Os temas vão, desde a regulamentação de emissão de poluentes do ar; revisão de legislação sobre Mata Atlântica; elaboração de um plano ecológico-econômico para o Parque Siderúrgico Nacional; até a instituição do Programa Nacional de Proteção ao Patrimônio dos Povos das Florestas.

## Ameaça começou em 1975

Os índios Yanomami são considerados o grupo étnico mais antigo da América do Sul. A partir dos anos 50, segundo relatório da Funai, são inúmeras as referências sobre o território Yanomami, uma área de 9 milhões e 417 mil hectares na região montanhosa da fronteira do Brasil com a Venezuela. Nessa época começam a ser instalados na área as primeiras missões protestantes e católicas.

Foi no ano de 1975 que o paraíso dos índios começou a ser ameaçado, quando um mapeamento da região indicou a presença de minério nas terras. A partir daí desencadeou-se uma corrida de garimpeiros para a exploração da cassiterita. Em 78 o Governo reconhece como de ocupação Yanomami a área indígena Ajarani, em Roraima. Já em 80, vem a proposta de criação do parque indígena Yanomami. Em 85 os garimpeiros invadem a Serra dos Surucucus, território tradicional dos índios. O empresário José Altino Machado foi um dos líderes da operação. Acabou preso sub-judice.

Depois disso as áreas foram delimitadas pelo Governo José Sarney, um espaço de 2 milhões e meio de hectares, cercado por uma floresta de mais de 5 milhões de hectares e mais o Pico da Neblina, completando quase 9 milhões e meio de hectares. A terra foi dividida em 19 ilhas indígenas, duas florestas e três reservas garimpeiras.

O Ministério Público entrou com ação e a sentença tornou inconstitucional a divisão. O que prevalece hoje, afinal, é uma área indígena contínua, regularizada pela Portaria 1817/85.

Os índios Yanomami, segundo os antropólogos, parecem ser o povo mais primitivo da face da terra. Estão na era neolítica, não conhecem a escrita, andam nus, fabricam apenas instrumentos rudimentares e vivem de comer banana, mandioca, e cana. Caçam e pescam, mas o principal mesmo é a agricultura, que é precária. Os que vivem perto do garimpo ou dos postos da Funai — são cinco pontos, na mata — já começam a plantar arroz, que conheceram e gostaram por causa dos brancos. Hoje eles comem até a sardinha enlatada oferecida pelos garimpeiros.

O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), garante que em 1961, quando servia no 2º Grupo de Transporte Aéreo, unidade que integrava o Correio Aéreo Nacional, teve o primeiro contato com os índios Yanomami, na Serra do Parimá. "Naquela época não sabíamos nada sobre eles", afirma Cantídio Guerreiro. "Mas dá para perceber, pela fotografia que tirei, que os índios eram mais fortes, cheios de músculos. Agora, os que se conhece têm braços e pernas muito finos, e estão debilitados pelo contato com o homem branco." (C.M.)